

DEBATE À CONFERÊNCIA DO SR. ALMIRANTE BOITEUX

Cel. LUIZ LOBO

Esta é uma casa de soldados. Soldados velhos que não esqueceram a disciplina com o tempo; soldados novos que nem mesmo tempo teem para esquecê-la. Posso me meter em forma entre os primeiros e dou meu exemplo de disciplina vindo debater a magnífica conferência que acabamos de ouvir. Disciplina às imposições regulamentares; obediência às ordens do nosso presidente.

Trabalhos biográficos da feição deste que nos ofereceu o ilustrado companheiro Almirante Boiteux não são os mais propícios aos debates acadêmicos. Não são expostas teses sujeitas às controvérsias; não se discutem fenômenos susceptíveis de interpretação diferente. Verdadeiras monografias sobre a vida de um vulto de mérito excepcional, compostas à luz de documentação abundante e minuciosa, os fatos que relatam já veem estudados dentro da época em que se produziram, e os argumentos da consagração já veem conclusos ao juízo definitivo da posteridade.

No caso em apreço — o biógrafo está bem à altura do biografado para entendê-lo, para pintá-lo, para esculpí-lo dentro da sua época.

Marinheiros ambos, ambos filhos da terra catarinense, discípulo e comandado um; mestre e comandante outro, é bem de ver quanto esse estudo biográfico pode possuir de objetivo, de real, de infutável. Mas há um fator inapreciável ainda a levar em linha de conta — esse encantamento do biógrafo pela sedutora personalidade do biografado, tendo-o sempre como um modelo a seguir, como o arquétipo do marinheiro de seu tempo. Longe de trazer ao estudo

que acabam de apreciar a coima da parcialidade, a paixão profissional do almirante Boiteux por Iguatemy, enche o esboço biográfico que acaba de ser lido de um grande clarão patriótico, de uma chama viva do espírito militar que nem os gelos da velhice conseguiram apagar.

Marinheiro exímio e destemido, chefe cheio de iniciativas e de austeridade, homem de ciência para cujas luzes a nação apelou na solução de problemas de organização, por onde passou esse nauta manobrista e fidalgo, ficou de sua passagem uma trajetória luminosa.

E o nosso respeitável confrade, cuja voz acabastes de ouvir, nunca mais o perdeu de vista, fosse na sua vida de paz entre os labores administrativos, fosse nas pelejas da guerra a velejar em busca da vitória do Brasil. É que aquela primeira impressão, recebida na infância ao atravessar o vestibulo da Escola da Marinha, vincara-lhe profundamente a sensibilidade patriótica, e crescera, para se tornar admiração, tão coerente, tão igual sempre rumava o ilustre Iguatemy sua heróica vida de marinheiro.

Este debate não tem o objetivo de repetir aos vossos ouvidos as glórias conquistadas pela capacidade e pela bravura do almirante Torres Alvim. Mas, se a História é ainda a grande mestra da vida, se é, não uma disciplina volúvel que se deforma no conceito de gerações sucessivas, como agora se a concebe, mas um livro aberto de verdades inapagáveis, o que devemos aproveitar dela são as lições, são os exemplos que derivam de seu conteúdo intangível, são as diretrizes que o passado pode traçar ao presente e ao futuro, dentro da relatividade fatal do tempo e da evolução social.

— Dessa biografia permiti-me deduzir as lições que ela nos oferece, lições que podem influir na formação pessoal dos moços de nossa época, desta época tão tumultuária no sentido físico, tão alarmante no domínio moral.

1) *Torres e Alvim* nunca foi um protegido dos deuses; nunca mendigou galardões, nunca suplicou honrarias. Conquistou-as pelo seu trabalho, arrebatou-as pela sua bravura, recebeu-as pela sua capacidade intelectual. Sofreu injustiças tremendas, preterições contundentes, mas nem assim se arrefeceu jamais sua ância patriótica, nem diminuiu nunca seu fervor de marinheiro.

Ele sentia que era marinheiro por atavismo; que nascera marinheiro e que queria ser marinheiro. E o foi — capaz, brilhante, destemido, invulgar. Não esperou que o favor humano tão vário e às vezes tão suspeito, o fizesse. Fez-se por si, porque era uma vontade em marcha, conciente, incansavel e indemonivel.

E provou que se pode subir e subiu a todas as dignidades de sua classe com seus próprios pés e de pé!

2) Torres e Alvim sabia bem que não podia ser util ao Brasil somente confinado na illustração profissional, e porque o queria ser, onde seus dotes de intelligência e seu saber pudessem ser exigidos, ampliou sua cultura sobre domínios outros que não aqueles só dos velhos regimentos de ordenanças. E vemô-lo medindo as cotas batimétricas sobre as quais deveria ser lançado o primeiro cabo submarino entre a Europa e o Brasil, e ainda mais do que isto, modificando ele próprio a constituição dos prumos com que devera obter resultados mais exatos na medição a fazer. E ali estava ao lado do *marinheiro de superficie*, o hidrografo competente e imaginoso, que não via do mar apenas a esteira da quilha de seus navios, mas que o aprofundara nos seus mistérios, já hoje tão devassados para as hecatombes de agora. Mas não só isto; Torres Alvim levanta cartas, projeta estradas, escolhe portos, e mártela até esboroar as velharias da armada colonial. Num país em formação, como o nosso ainda é, as classes armadas, não podem ficar enfaixadas apenas nas doutrinas particularistas da classe, mas bafejadas de uma cultura geral ao serviço do progresso do país. Já naquele tempo Torres e Alvim foi um pioneiro dessa orientação patriótica.

3.^a) O exame da ação guerreira do nosso biografado de hoje é uma demonstração de como foi ontem, hoje ainda e amanhã será ainda mais, necessário que existam entre nós contínuas e indesataveis uma união íntima, numa interpenetração perfeita, uma cooperação indestrutivel. Sobre a bravura exemplar de Iguatemy, seu biógrafo illustre já disse eloquentemente. O que entendo salientar nesta hora de suas tarefas patrióticas, é a sua ação ao lado do Exército, na preparação, nos transportes, nos desembarques das forças de terra para operarem no lugar determinado, no momento preciso, na hora marcada, fosse hoje contra Oribe para destruir Rosas, fosse amanhã contra Lopez, hoje sob o comando de Caxias, amanhã sob o de

Porto Alegre, sempre as suas náus a conduzirem milhares e milhares de homens na faina heróica de auxiliarem os lances estratégicos ou as simples manobras táticas. E nessas empresas, em angustiosísimos passos, em passagens de costeamento difíceis sob o fogo inimigo, o manobrista exímio de Montevidéu completava o marinheiro intrépido e sem nervos, e dava à classe armada de terra o instrumento da vitória procurada.

Narra-nos o ilustre confrade Alnte. Boiteux que foi Iguatemy quem primeiro teve a idéia de simbolizar a heroicidade anônima do nosso soldado na imortalidade do "Marinheiro Desconhecido", conseguindo mesmo erguer-lhe modesto monumento na fortaleza de Vellegaignon. Ninguém melhor conhecera aquela heroicidade, vendo morrer como leões ao seu lado os companheiros que combatiam pela Pátria, do que o nosso biografado de agora. De nenhuma mente mais clara como de nenhum coração mais generoso poderia ter nascido o símbolo admirável.

Dentro dele por falta de quem lhe conheça e escreva a história, quantos dos nossos heróis autênticos apenas sobrevivem? E o próprio Iguatemy, marinheiro magnífico, cientista notável, organizador previdente, e chefe de intuições aquilinas não escaparia à indeterminação do simples "Marinheiro Desconhecido", se o Sr. Alnte. Boiteux não houvesse recortado em relevo luminoso seu heróico perfil, com a sua esplendida conferência de hoje, tão cheia de preciosos subsídios e de eloquentes lições.

O marinheiro notável que foi Torres e Alvim foge agora para esta casa e para os que nos ouvem à generalidade do símbolo que ele criou, para ser um grande marinheiro conhecido, um almirante notável, pelo seu saber, pela sua cultura, pela sua bravura e pelo seu patriotismo.
